



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**DA CASA DE TABIQUE, DO BARRO E DA MADEIRA: A
CONSTRUÇÃO E RESGATE DO SAMBA DE COCO DO MUNDO NOVO – PE¹**

Isaene SANTOS¹

M^a Roberta da Silva²

Universidade de Pernambuco, Arcoverde, PE

Resumo

O presente artigo pretende analisar como a violência racial e dominação surgidas com o processo colonizador, bem como suas marcas e consequências, afetam a prática do Samba de Coco da Comunidade Remanescente de Quilombola do Mundo Novo em Buíque-PE, através de uma abordagem qualitativa, com tendência descritiva. O trabalho é fundamentado nos estudos de Dussel (1993), Beltrão (1980) e Hogemann (2017). Faz-se importante destacar que a manutenção da ancestralidade é determinante para a formação identitária quilombola, sendo a manifestação do Samba de Coco, imprescindível para a preservação da comunidade e marca de resistência diante da (pre)dominância de alguns valores.

Palavras-chave: quilombo; cultura; ancestralidade; samba de coco;

Introdução

O período colonial brasileiro foi marcado por uma profunda inferiorização e subjugação de determinadas populações pautadas em um ideal de raça superior, pelo qual o colonizador justificou todos os processos violentos que negros africanos passaram. Mesmo após o fim desse período, suas consequências desencadearam uma forte crise identitária nos remanescentes dos quilombolas e os afastou de sua cultura originária, os quais, ainda hoje, lutam pela restituição da sua ancestralidade, frente aos processos de aculturação e os estigmas.

Nesse contexto, está inserida a comunidade remanescente de quilombola Mundo Novo, localizada no sertão de Pernambuco, que atualmente passa por um processo de

¹ Graduanda do Curso de Direito da UPE – *Campus* Arcoverde, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade, email: isaenearsan@gmail.com

² Graduanda do Curso de Direito da UPE – *Campus* Arcoverde, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade, email: betabeck17@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

resgate cultural, em decorrência de um período de tempo no qual a cultura não foi praticada, devido ao constante medo de serem encontrados. A partir disso, muitos traços culturais foram perdidos e/ou esquecidos e esse processo, portanto, traz um novo olhar para a importância da ancestralidade.

Diante disso, será analisado, no presente trabalho, o histórico da prática do Samba de Coco, anteriormente chamado, pelos ancestrais do quilombo, como Samba de Criolo. O estudo faz-se importante, pois, a Comunidade passa, hoje, por um resgate dessa prática tradicional e está intimamente ligado à Folkcomunicação por enaltecer a manifestação cultural de um povo marginalizado e ignorado socialmente. (BELTRÃO, 2001). Todavia, apesar da iniciativa de restituir a dança ancestral, muitos obstáculos causados pela marginalização e pelos estigmas acometem o processo de manutenção cultural. Dessa forma, é necessário destacar como a violência racial afeta esse curso.

O presente artigo surgiu a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em novembro de 2017, de caráter qualitativo. Foi utilizado o método indutivo, assim como os métodos de procedimento histórico e a pesquisa bibliográfica e a de campo. Nessa perspectiva, o seguinte trabalho tem como objetivo geral, analisar o resgate do Samba de Coco dentro do Quilombo Mundo Novo e sua importância para o processo de manutenção da ancestralidade da comunidade remanescente de quilombo. Bem como, compreender como os estigmas sociais afetam essa ancestralidade e como se dá o processo de resgate do Samba de Coco na comunidade. Para tanto, foram utilizados como marcos teóricos os trabalhos de Beltrão (1980), Dussel (1993), Hogemann (2017), Lander (2005), Mignolo (2005), Quijano (2005) e Spivak (2010).

1. Comunidade Mundo Novo: Convite para conhecer um novo mundo

A Comunidade Quilombola Mundo Novo, objeto da pesquisa do presente trabalho, está localizada no Sítio Mundo Novo, parte do distrito de Guanumbi na cidade de Buíque, Sertão pernambucano. O município tem uma população de 52.105 habitantes, segundo dados do IBGE (2010) (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico). O Sítio Mundo Novo, juntamente com suas comunidades circunvizinhas,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

representam as localidades que possuem o maior número de pessoas negras da região. Coincidentemente - ou não - a comunidade corresponde também, a parte mais carente do município, apresentando renda média mensal de R\$ 168,35 por pessoa, segundo o mesmo censo.

Por estar situado em uma região de clima semiárido, o Quilombo possui solo seco e vegetação xerófila, essa situação afeta diretamente as plantações e a criação de animais, que são as atividades que garantem a subsistência dos moradores da comunidade. Em relação a fauna local, os moradores relatam a existência de lobos-guará e gatos-selvagem, conhecidos popularmente como gatos do mato. Além dessas características, percebe-se que as casas são um pouco afastadas umas das outras e não existe iluminação entre elas e nas estradas, o que dificulta encontros e reuniões noturnas prejudicando a comunicação entre os membros, um problema recorrente que faz-se importante destacar.

A história do Quilombo iniciou-se com a fuga de 12 negros escravizados no Quilombo dos Palmares - situação que permite analogia a de Prudêncio, na obra de Machado de Assis, o qual, após alforriado, comprou para si um escravo - os escravos fugitivos levaram cerca de um mês de caminhada até chegarem ao local onde hoje se compreende o Mundo Novo. Entretanto, apenas um deles permaneceu, o qual constituiu família, e os outros 11 dispersaram-se.

O quilombola que originou a Comunidade Mundo Novo, chamado de Antônio Preto, casou-se, e, dessa união, foram gerados 11 filhos, os quais também se dispersaram ao longo do tempo, permanecendo, no final, apenas uma filha, Antônia Cândida Bezerra, que tornou-se matriarca do Quilombo e repassou os costumes e tradições a seus descendentes.

Faz-se importante destacar que escravos fugitivos passaram suas vidas escondendo-se de seus senhores. Os quilombos eram locais geralmente distantes e sem habitantes por perto, serviam como refúgios, esconderijos. Em razão do medo de ser descoberto, o fundador do Mundo Novo não permitia que o Samba de Coco, manifestação cultural própria desse povo, fosse praticado. Dessa forma, a comunidade foi se formando e crescendo sem reproduzir sua tradição, restando aos remanescentes,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

apenas os relatos que eram contados pela matriarca. Como consequência desse recorte temporal, onde não houve manifestação cultural, muitos traços se perderam, e, embora os mais velhos tenham algumas memórias, é preciso que suas tradições sejam revisitadas frequentemente.

O Samba de Coco do Mundo Novo surgiu do hábito de reunir a comunidade para a construção das casas de taipa com batidas dos pés no barro. Enquanto as pessoas pisavam no barro, entoavam vários cantos, em um momento de celebração. Atualmente, não se mantém o costume de construir as casas, a única que sobrou daquelas feitas pelos ancestrais do Quilombo, funciona ainda como centro de reunião da comunidade para dançar o Coco.

Entretanto, devido às condições de instalação e o pequeno espaço, incapaz de comportar todos os remanescentes, foi construída, próxima à casa de tabique, uma superfície (barracão) para que pudessem prosseguir com suas celebrações. Vizinha a ela, encontra-se uma construção que deve funcionar como um novo centro da Associação dos Moradores do Quilombo Mundo Novo.

Contudo, as obras estão paradas devido à falta de recursos e assistência, impossibilitando a existência de um núcleo organizacional que reúna os quilombolas para que possam discutir pautas relevantes para o grupo. Outra obra importante e que enfrenta problemas para sua construção e funcionamento é projeto de um banheiro seco (alternativa social e ecológica para a reutilização das fezes como adubo), o qual permitiria, além da diminuição dos gastos de água, a ampliação e otimização da agricultura, bem como trazer melhorias à qualidade de vida da população que não possui acesso às redes de saneamento até os dias de hoje.

Por situar-se, aproximadamente, a 20 km do centro de Buíque, ainda sem um transporte público adequado e sem estradas asfaltadas que facilitem a dinâmica de deslocamento da população, a comunidade vive em isolamento, o que implica diretamente em seu acesso à políticas públicas, além de dificultar a participação do Quilombo na dinâmica social. Tal situação é determinante, também, para a economia da comunidade, a qual se baseia na venda de produtos agrícolas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A economia da cidade de Buíque é movida, especialmente, pela agropecuária familiar. Inicialmente, os habitantes do quilombo comercializavam os produtos de suas plantações, com destaque para a mandioca. Entretanto, com a agravação da seca, as condições de manter o plantio e a criação de animais foi ficando cada vez mais difícil. Atualmente, os quilombolas do Mundo Novo, em sua predominância, utilizam da agropecuária para sua subsistência.

Ademais, outro fator relevante para economia da localidade é a emigração de pessoas da comunidade para outras regiões do país, especialmente o sudeste, em busca de emprego para garantir o sustento da família. Entretanto, assim que conquistam um valor monetário suficiente para se manterem no Quilombo por um período de tempo, eles retornam e complementam sua renda com empregos informais em sítios vizinhos. Quando os recursos esgotam-se, partem novamente em busca de melhorias. Desse modo, segue-se um ciclo no qual as pessoas são, constantemente, obrigadas a abandonar sua terra e sua cultura para garantir que tenham as mínimas condições de existência.

2. A lógica da dominação racial e suas implicações na condição social do Mundo Novo: aspectos culturais e identitários

A situação do Quilombo Mundo Novo é marcada pela vulnerabilidade e a negação de direitos de ocupar espaços, de manifestar-se. Os remanescentes relatam que, costumeiramente, são chamados por nomes depreciativos como “urubus”, “catimbozeiros”, e ainda “mortos de fome”, essa é uma visão compartilhada das pessoas que moram nas proximidades da comunidade e que reproduzem o racismo.

Por outro lado, a visão que o próprio quilombola tem de si: até alguns anos atrás, o medo de serem perseguidos, assassinados ou que voltassem à situação de escravo, permanecia. Destacam-se falas dos moradores como: “o branco bate no preto” e “aquele monte de gente branca olhando, nós *fica* com vergonha” (sobre uma apresentação que eles fizeram).

Pontua-se, então, a noção de diferença colonial, que, para Mignolo (2005, p.40), é articulada a partir de questões etno-raciais. É possível perceber aqui, que existem duas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

versões da colonização: a que é vista por quem sofreu esse processo e por quem o realizou. O que permite compreender a negligência que sempre se teve com o povo quilombola. Inicialmente, perseguidos e depois, abandonados. Não se vê grandes mobilizações para atender às demandas do quilombo porque nós, enquanto seres que reproduzem os valores coloniais, não somos capazes de reconhecer os danos causados pelo processo de colonização.

A partir do processo de afirmação identitária e autoreconhecimento que os moradores da comunidade passam atualmente, o estigma, muitas vezes, é intensificado. A associação com extrema pobreza, fome e estereótipos religiosos e culturais acompanham os pertencentes do Mundo Novo, na rua, na escola e em diversos outros ambientes nos quais se façam presentes.

Essa visão se origina a partir da normatização de um padrão socioeconômico de ser humano que valoriza um grupo em detrimento de outro. Dessa forma, é possível compreender como a violência racial sofrida pelos pertencentes do quilombo consolidou-se, mantém-se até hoje, em grande parte, devido à existência de um grupo privilegiado com maior prestígio político e social que não apenas consente, como corrobora com a hostilização dos negros do Mundo Novo.

Percebe-se, portanto, a posição de subalternidade do quilombola que, para Spivak (2010), subalternos são todos aqueles excluídos de representação política e plena participação no estrato social dominante. Dito isso, os remanescentes que outrora viviam escondidos, receosos de assumir sua identidade, quando o fazem e clamam por mudanças, são novamente silenciados e invisibilizados pela cultura predominante eurocêntrica. Spivak (2010), nesse caso, destaca que é preciso oferecer espaços de diálogo em que o subalterno possa falar e articular um discurso de resistência fora do modelo hegemônico.

Outro agravante na situação do Mundo Novo é a falta de certificação pela Fundação Cultural Palmares, o que impede que muitas políticas públicas voltadas às Comunidades Remanescentes de Quilombolas cheguem até esse Mundo, que de Novo não tem muito. Sendo assim, não bastante o histórico de violência, marginalização e dominação sofridas por esse povo, quando se trata de reparar danos e proteger essas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

peças, ainda percebe-se o descaso, disfarçado em processos burocráticos para a obtenção de direitos que são pensados e aplicados por aqueles que historicamente ocuparam lugar de privilégio social.

A despeito disso, põem-se em destaque os Direitos Humanos, resguardados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, e o princípio da Dignidade da Pessoa Humana. Tais mecanismos foram instaurados em um contexto no qual era preciso dar espaço à solidariedade. Todavia, foram pensados dentro de uma ótica dominante ocidental. Dessa forma, Hogemann (2017, p. 66) afirma que nesse contexto de multiculturalidade, “as minorias podem até ser pacificamente toleradas, mas não são aceitas ou valorizadas”. A autora defende que é necessário que as diferentes culturas e etnias que compõem determinado território estabeleçam um diálogo intercultural. Ou seja, uma troca de experiências e saberes que não resultem em uma conquista cultural. Nesse contexto, é preciso que o processo de certificação da Comunidade Mundo Novo, bem como de outras comunidades, além da titularização e demarcação das terras, para que todas as garantias da população tradicional quilombola sejam alcançadas, levem em conta seu processo histórico de formação.

A ideia presente na obra de Hogemann (2017) e a filosofia Ubuntu, “eu sou porque nós somos”, consiste em negar o universalismo ocidental e pensar os Direitos Humanos a partir de uma perspectiva interna, para então alcançar o âmbito externo. O Mundo Novo sofreu um recorte temporal no qual sua cultura e tradição foram esquecidas, esse processo deu-se em razão de uma lógica hegemônica de subjugação racial.

Tal consciência de diferença racial serviu e continua servindo como instrumento de justificação da violência, definida por Dussel (1993) como “mito irracional”. Nesse sentido, o colonizador europeu ao ter contato com outros povos, religiões e etnias criou uma visão de outro, no qual este, sendo visto como estranho e bárbaro, é encoberto e negado. Dussel (1993) então defende a necessidade de superar a modernidade – pautada nos moldes coloniais – e criar uma nova razão que respeite o ser-outro.

Dentro desse contexto de superação do padrão hegemônico, destaca-se a importância da Folkcomunicação, que, para Beltrão (1980), configura-se na



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

comunicação - de forma horizontal - dos povos marginalizados, os quais possuem processos de troca de informações e manifestações culturais próprias. Destaca-se, que manifestação cultural, nesse contexto, é entendida como também uma questão identitária, como afirma Beltrão (2004):

É tempo de não continuarmos a apreciar, nessas manifestações folclóricas, apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-la como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e sentir das classes oficiais e dirigentes.
(BELTRÃO, 2004. p. 118).

Nesse contexto, ressalta-se a importância da atitude de retomada dos traços culturais originários do Mundo Novo e sua reafirmação identitária, como uma reação contra-hegemônica e uma nova maneira de pensar a sociedade pós-colonial. Nesse sentido, apesar da estigmatização sofrida e determinante, muitas vezes, para sua condição social, em um contexto em que o pensamento eurocêntrico se faz presente, o Mundo Novo, uma pequena comunidade remanescente de quilombola, mantém um processo de restituição de sua cultura e identidade, mostrando que o quilombo sempre foi e ainda é resistência.

3. Araruna não faz como eu: do assentar do barro à manutenção da cultura ancestral

O Samba de Coco, segundo relatos de moradores, era praticado como meio de aliviar o trabalho de assentar e alisar o piso de barro das casas de pau a pique, construída pelos ex-escravos fugitivos ou “fujões”, como são chamados na comunidade. Após se estabelecerem no Mundo Novo, o processo de construção das moradias, com as músicas cantadas e o samba, tornou-se um momento de celebração em comemoração ao início de um nova jornada, com um novo lar, sem mais serem reféns de seus senhores.

Em razão do medo da comunidade ser descoberta e voltar à situação de escravos ou, até mesmo, serem assassinados, o patriarca do quilombo proibiu que fossem praticada qualquer manifestação cultural que pudesse demonstrar a presença de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

quilombolas naquele local. Essa situação de alerta permanente, mexeu com o subconsciente de toda a comunidade. Como reflexo disso, tem-se a frase falada por uma moradora, em tom de brincadeira, mas que traduz um histórico de violência e opressão: “Os brancos *escraviza os preto. Se eles volta e escraviza nós, eu vou pro tronco, eu quero apanhar não, ora.*”

Décadas depois, essa forma de organização e de isolamento se manteve. Quando questionados sobre onde vivem e quem são eles, os remanescentes, habitualmente, mentiam e negavam fazer parte de uma comunidade remanescente de quilombolas. Tal situação ocasionou o desconhecimento, pela grande maioria das pessoas da própria região e arredores, da existência de um quilombo no município de Buíque. Embora, há alguns anos atrás, a partir da decisão de resgatar sua cultura, iniciarem uma busca por visibilidade e assim, reconhecimento social, ainda existem resquícios desses receios que se fazem nítidos através da desconfiança com relação à pessoas de fora da comunidade.

Como consequência disso, muitos traços culturais foram perdidos e só então, após gerações de negação, surgiu o anseio, por parte dos quilombolas, de resgatar sua tradição. Dessa vontade manifestou-se também, o desejo de conhecer sua própria cultura, seu povo e seu passado. O sentimento de necessidade do autoreconhecimento enquanto pertencentes de um povo e de uma cultura, de raízes africanas, foi essencial para que o Samba de Coco fosse resgatado e a identidade dos remanescentes do Mundo Novo reafirmada.

O resgate do coco teve início há três anos, após a morte da matriarca, filha de Antônio Preto, quando seus descendentes decidiram pôr fim ao silêncio da prática cultural, até então escondida. Essa iniciativa de resgate cultural e a reafirmação da identidade enquanto pertencentes a um povo quilombola resignificou o samba de coco como prática além de uma forma de celebração, mas uma marca de presença e resistência desse povo, representa, também, uma quebra com os paradigmas hegemônicos que sustentaram a colonização e permanecem suprimindo a valorização de padrões eurocêntricos em detrimento dos povos e culturas tradicionais.

Desde sua retomada até os dias atuais, o coco sofreu um processo de modernização. Anteriormente, era praticado com movimentos simples que se limitavam



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ao uso das mãos, para bater palmas e dar ritmo as canções, e dos pés. Hoje, foram introduzidos instrumentos de percussão, como violão e pandeiro, tornando as danças mais elaboradas, o que permite o interesse dos jovens em ter um contato maior com sua cultura.

Entretanto, o resgate do Samba de Coco enfrenta problemas decorrentes da estigmatização ainda sofrida pelos remanescentes. Em determinada narrativa uma jovem quilombola afirmou que eles não vestem os tipos de roupas adequadas para o samba e característicos de sua cultura, em razão do preconceito sofrido quando estão assim vestidos. Dessa forma, reforça-se que os estereótipos depreciativos e a violência racial influenciam no cotidiano dos quilombolas do Mundo Novo, negando a eles o direito de praticar seus costumes e tradição e manter sua ancestralidade. Um dos motivos dessa falta de utilização de elementos próprios da cultura e religião de matriz africana, está ligado, também, à forte incorporação da cultura dominante em detrimento da originária.

Nesse contexto, a colonização dentro de uma perspectiva civilizatória pautada por valores eurocêntricos, em sua atuação catequizadora ocasionou um processo de aculturação (DUSSEL, 1993). Além disso, em decorrência dos estigmas e o forte processo de aculturação sofrido, ainda há muitos homens, principalmente os mais jovens, que sentem vergonha da prática do samba de coco, geralmente participam nas apresentações apenas tocando os instrumentos.

Geralmente, as mulheres participam de forma mais ativa na dança e tomam a frente nas apresentações realizadas fora da comunidade, entoando os cantos, aprendidos com os seus antecessores, entre eles o “[...] *arrasta o pé pra trás, assim, Araruna não faz como eu*”, que simbolizam a resistência ancestral desse povo. Nessa perspectiva, se faz importante a manutenção da ancestralidade para preservar viva a memória de um povo que foi, historicamente, marginalizado. O Samba de Coco representa voz dos que nunca foram ouvidos, dos subalternos, e que agora podem gritar e resistir, por meio de sua manifestação cultural.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Conclusão

Inserida em um contexto historicamente marcado pela segregação e negligência, a comunidade quilombola Mundo Novo representa uma frente de resistência que luta pelo reconhecimento de seu povo e sua cultura, como uma forma de garantir a manutenção cultural e a sua perpetuação para as gerações futuras. Ressalta-se ainda, a importância da manutenção da ancestralidade, também, como fator da cobrança de políticas assistencialistas para toda a comunidade, modificando, assim, o quadro de vulnerabilidade. Bem como, um meio de fortalecimento na luta pela conquista do espaço territorial, de manifestação e de identidade, a eles negado.

A oportunidade de entrar em contato com a comunidade, permite enxergar não apenas os traços de vulnerabilidade, mas também a sua história e luta frente à cultura etnocêntrica e racista. É possível observar, também, a perpetuação de valores colonizatórios, os quais ainda afetam os remanescentes em questões identitárias.

Dessa maneira, é notório como os estigmas sociais e a violência racial alteram a maneira como a cultura quilombola é manifestada. Hoje, a comunidade Mundo Novo, celebra a sua ancestralidade com o Samba de Coco, mas nem sempre foi assim. Por essa razão, faz-se imprescindível garantir proteção à manutenção cultural desse povo e o fortalecimento de sua identidade, para que, cada vez mais, cantem e dançam em memória aos seus ancestrais.

Referências

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. Parte III.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

DANTAS, M. L. R. Preservação da memória ancestral: uma análise da tutela jurídica às comunidades remanescentes de quilombos. **Revista Brasileira de Iniciação Científica, Itapetininga**. v. 4, n. 8, 2017. UPE. Disponível em: <<http://itp.ifsp.edu.br/ojs/index.php/IC/article/view/1052/807>>. Acesso em: 28/05/2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

DUSSEL, E. 1942. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petropolis: Editora Vozes, 1993.

FRENCH, Jan Hoffman, **Os Quilombos e seus Direitos Hoje: Entre a Construção da História e das Identidades**. Revista de História, 149 (2º) 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015

HOGEMANN, Edna Raquel. **Direitos humanos e filosofia ubuntu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

LANDER, Edgard. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005.

LOSSIO, Rúbia. **O uso da tecnologia nas tradições populares**. FUNDAJ. Postado em 2004. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/tecnologiadotextos.pdf>, acesso em 22/05/2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales. 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e américa latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SCHIMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

APÊNDICE

Fotografia 1 – Casa de pau a pique



Fonte: Pesquisadoras (2018)

Fotografia 2 – Samba de Coco



Fonte: Pesquisadoras (2018)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Fotografia 3 – Coco entre crianças



Fonte: Pesquisadoras (2018)

Fotografia 4 – Moedor de milho



Fonte: Pesquisadoras (2018)